

INFORMATIVO

CNI  
SESI  
SENAI  
IEL

# Interação

INSTITUTO EUVALDO LODI

Setembro 2005

Empresas usam pesquisas em ações de responsabilidade social

página 3

Fórum discute o desenvolvimento industrial

página 11

## Gestão eficiente

A história de sucesso da Cooperativa de Pindorama, em Alagoas

página 6

# Oportunidades para um setor tradicional

Por meio de programas como o desenvolvido em Alagoas, o IEL auxilia no fortalecimento e ampliação da base industrial brasileira

O Projeto de Desenvolvimento do Estado de Alagoas, realizado pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL) em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Federação das Indústrias do Estado de Alagoas (FIEA) e com as Universidades Federais de São Carlos (Ufscar), de São Paulo, e de Alagoas (Ufal), apresenta inúmeras realizações, dentre as quais se destaca o estudo sobre a competitividade e prospecção de novos empreendimentos para o sistema agroindustrial da cana-de-açúcar.

O papel estratégico do setor canavieiro para a economia nacional é bem conhecido e, nas últimas décadas, o Brasil tem assumido uma posição altamente competitiva na produção de açúcar e álcool graças à incorporação de avanços tecnológicos. E esse progresso está relatado no livro *O Novo Ciclo da Cana*, que deve ser lançado, ainda neste mês, pelo IEL e Sebrae. A publicação traz um mapeamento detalhado do setor no Brasil e apresenta novas tecnologias desenvolvidas a partir da cana-



de-açúcar e seus derivados. Esse estudo possibilitará um novo horizonte ao setor, além de permitir que empresários da indústria canavieira aproveitem o momento oportuno ao Brasil no cenário global, com a alta dos preços do açúcar e aumento da demanda por álcool.

Nesse projeto, foi igualmente importante o trabalho desenvolvido na Cooperativa de Pindorama. Lá, o IEL implementou a metodologia do Desenvolvimento Tecnológico Regional (DTR), por meio da qual a comunidade

foi mobilizada para identificar seus potenciais econômicos e gargalos tecnológicos. A partir daí, foram realizados cursos de capacitação empresarial com o objetivo de aperfeiçoar produtos e processos.

Por meio de programas como este, adequados à realidade regional e respeitando suas vocações, o IEL auxilia no fortalecimento e ampliação da base industrial brasileira. Estar atento às necessidades das indústrias e possibilitar a troca de experiências são nossos desafios permanentes. Esse projeto reafirma o nosso compromisso com o desenvolvimento empresarial brasileiro que, conseqüentemente, gera impactos positivos em toda a sociedade, promovendo o crescimento de empregos e renda e a inclusão social.



**Carlos Cavalcante**  
Superintendente do IEL



# Cidadania empresarial

Pesquisas auxiliarão empresas a planejar ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida de comunidades

Várias são as ações que o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), por meio dos núcleos regionais, vem realizando em todo o País no sentido de estimular a responsabilidade social nas empresas e nos setores industriais. Muitas dessas iniciativas são subsidiadas por pesquisas que vêm sendo apuradas, buscando dados e informações sobre o assunto dentro das empresas, mapeando as estratégias e abordagens inerentes ao tema.

No Espírito Santo, por exemplo, o núcleo do IEL realizou, de dezembro de 2004 a julho deste ano, uma inédita sondagem com 255 empresas do Estado, com o objetivo de tabular as atividades de responsabilidade social. A pesquisa identifica os investimentos na área, as comunidades beneficiadas com as ações, o número de pessoas envolvidas nos projetos, portanto, um amplo diagnóstico do setor. “A pesquisa nos permitiu verificar que existem várias empresas desenvolvendo esses trabalhos, mas é importante ter em mãos instrumentos para mapear as ações e, por exemplo, evitar as sobreposições de tarefas”, avalia Marcos Vinícius

Tavares Cabral, coordenador da pesquisa do IEL-ES.

## TERCEIRO SETOR

Os dados serão utilizados pelo Conselho da Cidadania do Espírito Santo do sistema Findes, criado em março do ano passado para ser um fórum de debates empresarial em torno da responsabilidade social, desenvolvendo mecanismos de orientação das empresas, estimulando o intercâmbio entre elas e a integração do primeiro com o terceiro setores. “A criação do conselho surgiu com a proposição de criarmos uma área

de cidadania empresarial. A pesquisa servirá para direcionar as ações das empresas”, afirma Cleuza Maria Cássaro, coordenadora-executiva do conselho e superintendente do SESI no Estado.

A pesquisa também servirá como instrumento para as empresas do Espírito Santo que já realizam ações de responsabilidade social, como a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). Apesar de projetos na área de meio ambiente e com a comunidade local, o enfoque da empresa é na área de educação, principalmente na Região Metropolitana de



FOTO: DIVULGAÇÃO

Oficina de horta no Centro de Educação Ambiental, na Região Metropolitana de Vitória, no Espírito Santo, onde mais de 100 instituições participam



**Equipe do IEL, em Goiás, identifica atuação das empresas em ações de responsabilidade social**

Vitória. Somente no ano passado, foram investidos R\$ 10 milhões, beneficiando 150 mil pessoas em programas desenvolvidos com mais de 200 instituições, como organizações não-governamentais (ONGs), escolas e universidades. Além disso, o Programa de Educação Ambiental envolve mais de 100 escolas, do ensino infantil até a universidade. Outro programa tem o objetivo de capacitar gestores sociais, com curso de 190 horas, envolvendo neste ano 20 instituições. “Dentro das metas estratégicas da empresa, está a valorização da cultura de responsabilidade social”, afirma João Carlos Marins, especialista na área e membro do Conselho da Cidadania do Estado.

Em Goiás, o estudo entrevistou 356 empresas em segmentos industriais como alimentos, construção civil, confecção, bebidas, metalurgia, entre outros.

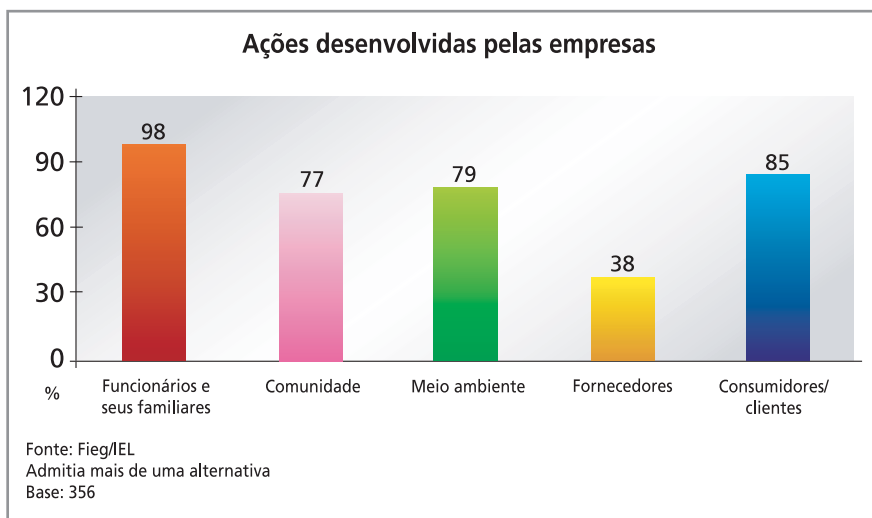
Realizada no primeiro semestre deste ano, a principal conclusão da pesquisa mostra que a questão da responsabilidade social no Estado ainda é muito incipiente dentro das empresas e na indústria. “Constatamos que são incipientes as práticas de responsabilidade social em Goiás. Ou seja, existe um campo enorme para trabalhar. A pesquisa

veio justamente para conscientizar e sensibilizar as empresas para a prática da responsabilidade social, dando subsídios para o planejamento estratégico”, afirma Wellington da Silva Vieira, coordenador técnico da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg).

### ESTÁGIO RESPONSÁVEL

Para se ter uma idéia, apenas 11% dos entrevistados afirmaram ter conhecimento do assunto e efetivamente aplicaram experiências nesse sentido. Apesar disso, para 67% das consultadas, as empresas socialmente responsáveis buscam uma relação de ética e de qualidade com todos os seus públicos de relacionamento.

Apesar disso, o IEL-GO vem desenvolvendo várias experiências, realizando ações de alcance superior ao trabalho de estágio. “Além de recrutar e encaminhar o aluno, dando apoio legal, a gente faz mais. Trabalhamos com itens que a Unesco recomenda como essenciais para caracterizar o profissional do século 21”, afirma Maria Lúcia Guimarães, coordenadora da área de integração



escola-empresa. São realizados cursos de qualificação pessoal dentro das empresas, levando em conta o ponto de vista da ética e a postura profissional. Além disso, são ministrados cursos de desenvolvimento, palestras e oficinas.

Um dos projetos de destaque está no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (UFG), envolvendo cerca de 400 alunos da área de saúde. Além de não cobrar a taxa administrativa exigida, o IEL ainda paga o seguro de acidentes pessoais. A iniciativa permite que vários alunos possam realizar o estágio, reforçando os serviços prestados pelo hospital à comunidade carente.

No mês de julho, o SESI Bahia divulgou uma pesquisa realizada de dezembro de 2004 a abril deste ano, com 163 indústrias de todos os portes, cujos resultados também subsidiarão a recém-criada Comissão de Responsabilidade Social Empresarial.

## INCENTIVO

O IEL-BA, por exemplo, oferece a Capacitação Profissional para Estudantes (Cape), com cursos voltados

## Romeiro: levar ações para regiões mais carentes

ao desenvolvimento de aptidões, como *marketing* pessoal, redação, elaboração de currículos. Ou seja, o IEL fornece cursos de baixo custo para alunos desenvolverem questões que normalmente não são trabalhadas nas escolas. “É uma forma de aumentar as chances do aluno conseguir um estágio e conseqüentemente um emprego”, afirma Edneide Lima, gestora de estágio do núcleo regional. Além disso, muitas atividades ministradas são pagas com alimentos não-perecíveis, doados a instituições carentes. “É uma forma de incentivar a responsabilidade social entre os estudantes”, acrescenta.

O IEL tem trabalhado para consolidar e estruturar ações para incentivar a participação de jovens nos programas de estágio, diminuindo, assim, a exclusão e permitindo a inserção de jovens de todas as regiões e camadas sociais. Segundo o coordenador de estágio do IEL, Ricardo Romeiro, é prioridade a interiorização do Programa de Estágio. “Atualmente temos mais de 60 postos de atendi-



mento no interior. Ou seja, estamos levando essas ações para regiões mais carentes, facilitando a inserção de jovens nas empresas”, afirma. Além disso, os programas de bolsas apóiam vários trabalhos de associações de produtores, como de carcinicultura, artesanato, mandioca, borracha, caprinos, piscicultura, apicultura, entre outros. O apoio a essas associações contempla vários produtores carentes em busca de melhoria na produção e na qualidade de vida.

## Apoio para sensibilizar empresas

Em maio deste ano, a CNI instituiu o Conselho Temático Permanente de Responsabilidade Social, formado por 16 conselheiros da iniciativa privada, com o objetivo de estimular o desenvolvimento integrado, e em rede, em ações nas federações, associações e empresas industriais. O enfoque é sensibilizar as empresas para uma gestão socialmente responsável como um imperativo para o aumento da produtividade. “O papel e a missão do conselho serão velar pela convergência entre o econômico e o social, como requisito básico e imprescindível para o crescimento sustentado do País e para a construção de uma autêntica democracia”, defende Armando Monteiro Neto, presidente da CNI. Na foto, Jorge Parente Frota Júnior, presidente do conselho, durante a cerimônia de posse.





# A força do empreendedorismo

Em Alagoas, a Cooperativa de Pindorama mostra como promover a geração de emprego e renda pela prospecção de novos negócios

Alagoano da região de Coruripe de muitas gerações, Zé Faustino da Silva lembra que os pais e avós trabalhavam em regime quase escravo, dedicando três dias por semana às terras do patrão, em troca do direito de cultivar para si no resto do tempo. Andavam sete quilômetros para chegar às plantações e outros sete para voltar, muitas vezes driblando a fome. Uma vida que muita gente ainda leva nos rincões do Brasil, mas não a família de Faustino, cujo pai foi um dos

fundadores da Cooperativa de Pindorama, considerada um exemplo de que reforma agrária bem-feita pode tornar a agricultura familiar compatível com produtividade, tecnologia moderna e eficiência econômica. “Desde que entrei na cooperativa nossa vida só melhorou, principalmente nos últimos anos, com a modernização”, resume Faustino.

Manoel Palmeira Ferro, também filho de um dos pioneiros na cooperativa, concorda com a avaliação: sua

renda familiar mais do que triplicou nos últimos quatro anos, quando a cooperativa adquiriu equipamentos mais modernos para fazer a colheita. “Antes eu só produzia na terra mais ‘chá’ (plana); com as novas máquinas, planto o terreno todo”, conta o agricultor, que tem luz elétrica, geladeira, telefone, água encanada, TV e antena parabólica, como a maioria dos cooperados. Ferro, que neste ano, aos 51 anos, retomou os estudos de nível básico na escola da cooperativa, orgu-



Linha de produção de suco concentrado de fruta

FOTOS: JOSÉ PAULO LACERDA

lha-se de que seus 12 filhos tenham estudado mais que ele e de que, no fim do ano, terá entre eles o primeiro vestibulando da família.

A Cooperativa de Pindorama foi fundada em 1956, pela iniciativa do suíço-francês René Bertholet, membro do Plano Nacional de Colonização. Impressionado com o êxodo rural de Alagoas, Bertholet idealizou a cooperativa como forma de reter as pessoas no campo, garantindo-lhes qualidade de vida. O projeto nasceu com uma fábrica de suco de maracujá. Cada um dos 150 cooperados iniciais recebia 25 hectares, uma casa, um animal de tração e uma vaca, além de financiamento para começar a plantar e sobreviver até a primeira colheita.

## VIDA PRÓPRIA

Hoje com 1.160 associados – titulares de parcelas – e 30 mil hectares, Pindorama mantém uma comunidade de 27 mil pessoas, sendo a maior cooperativa do Nordeste e um dos maiores contribuintes de ICMS do Estado. A cooperativa atualmente planta cana-de-açúcar e frutas, produz suco concentrado, coco ralado e leite de coco, álcool anidro e hidratado e inaugurou, no ano passado, uma das mais modernas fábricas de açúcar do Brasil.

Além dos produtos vendidos no Brasil, desde 2003 também exportados, a cooperativa fornece para consumo local 3.500 litros de leite por dia, vinagre de cana, doces de leite e de várias frutas, produtos de limpeza, uniformes para as fábricas e escolas da comunidade, embalagens de papel feitas a partir de bagaço de cana e tilápias criadas em tanques-redes. Esses empreendimentos menores fazem parte de uma incubadora



**Faustino com a esposa e netas: casa construída com resultado do trabalho na cooperativa**

de empresas criada pela cooperativa para desenvolver alternativas de emprego e renda para uma comunidade que não pára de crescer. Pindorama conta ainda com um laboratório, montado em parceria com uma empresa privada, que realiza o controle biológico de pragas.

“Bertholet já tinha a visão de integrar toda a cadeia produtiva, de buscar os grandes mercados e apostar em tecnologia. Nós só seguimos a

mesma linha”, explica Klécio José dos Santos, presidente da cooperativa – em seu quinto mandato – e responsável pelo processo de modernização e diversificação produtiva que, nos últimos quatro anos, quadruplicou o faturamento da Pindorama.

Foi nesse contexto de longa tradição cooperativa e afã por tecnologia que o IEL implementou de maneira piloto em Pindorama a metodologia do Desenvolvimento Tecnológico Regional (DTR), uma das quatro ações do *Projeto de Interação Universidade-Indústria para o Desenvolvimento de Alagoas*, empreendido em parceria pelo IEL e Sebrae desde o fim de 2002. A metodologia de trabalho do DTR centra-se em mobilizar a própria comunidade para que identifique seus potenciais econômicos e gargalos tecnológicos. A partir disso, o IEL ajuda as lideranças locais a elaborar projetos tecnológicos para desenvolver esses potenciais, a encontrar parceiros para empreendê-los e possíveis fontes de financiamento. Em maio de 2004, o IEL promoveu um seminário que reuniu líderes das 25 aldeias da Pindorama,



**Ferro, aos 51 anos e 12 filhos: de volta para a escola**



representantes do poder público municipal e estadual, do Sebrae, do SENAI, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e do Centro de Estudos Superiores de Maceió (Cesmac), além do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste.

### PRIORIDADES

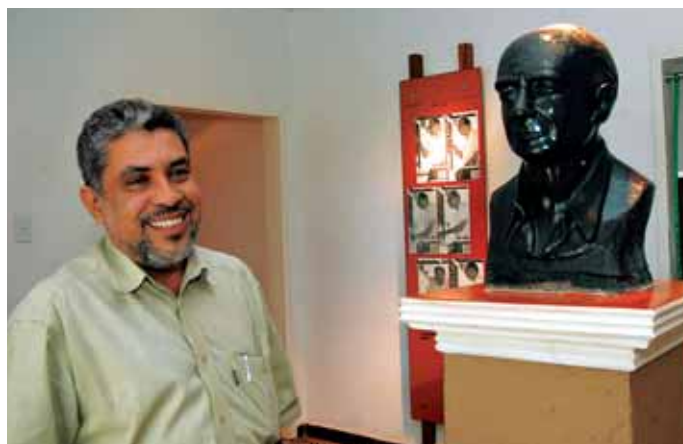
O seminário apontou vários focos prioritários para ações de desenvolvimento tecnológico. Surgiu, por exemplo, a proposta de se criar, dentro da incubadora de empresas, um laboratório de análise de resíduos para estudar quais novos produtos

poderiam ser feitos a partir deles. Outra área apontada pela comunidade como prioritária para ações tecnológicas foi a horticultura. A cooperativa tem interesse em investir em tecnologia e infra-estrutura para processar e comercializar em grande escala as hortaliças, hoje produzidas apenas para consumo local. A idéia é apostar em produtos orgânicos, de maior valor agregado. Nesse ponto, a parceria com a universidade foi perfeita: "Temos experiência que vai desde o desenvolvimento da semente até a embalagem de hortaliças orgânicas porque trabalhamos em projetos similares em grandes cooperativas do Sul do País", explica

o agrônomo Fernando Lira, pró-reitor de extensão da Ufal.

A comunidade manifestou ainda a intenção de transformar a atual cozinha que faz doces para o mercado local numa cozinha industrial certificada, condição indispensável para ampliar o mercado desses produtos. As reuniões do DTR identificaram ainda a necessidade de se fortalecer a incubadora de empresas da cooperativa, criar um laboratório de *design* e de promover a qualificação na área de gestão empresarial, além da conveniência de se buscar formas de estimular o ecoturismo na região. Diversificar a produção de derivados de cana, começando a fabricar também rapadura, cachaça e açúcar mascavo, é outra meta da Pindorama.

"O IEL se dispõe a formalizar cada um desses projetos para apresentá-los às instituições financiadoras, mas antes realizaremos outro seminário para estabelecer, na comunidade, um grupo gestor que se encarregue de encabeçar e gerenciar cada um



**Ao lado, Santos mantém a linha do fundador Bertholet. Abaixo, produção de coco ralado**



FOTOS: JOSÉ PAULO LACERDA



deles”, explica Cristine Ramires, coordenadora do projeto DTR no IEL de Alagoas.

A parceria da comunidade com a Ufal vem de longa data. No ano passado, a cooperativa construiu canais de irrigação para usar como fertilizante o vinhoto resultante da produção de álcool e açúcar. O projeto foi planejado em parceria com agrônomos pesquisadores da Ufal, cujos estudos indicam que a iniciativa pode aumentar entre 50% e 80% a produtividade do solo, além de incrementar em 30% o teor de açúcar da cana.

A mesma parceria com a Ufal está estudando as possibilidades de produção de ração animal a partir dos vários resíduos da cana e dos sucos. Uma receita específica para vacas de leite já foi testada com sucesso e os pesquisadores apresentaram ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) um projeto para a construção de uma fábrica piloto dentro da cooperativa. Os testes mostram que a nova ração tem conteúdo nutricional equivalente à ração comercial usada atualmente, com custo 30% menor. Orçada em R\$ 40 mil, a fábrica projetada permitiria à cooperativa substituir com produção própria metade da ração que consome. Com o laboratório de análise de resíduos idealizado pelo DTR, projetos de aproveitamento de resíduos desse tipo poderiam se multiplicar e ganhar agilidade, criando novas atividades produtivas, mais ocupação e renda para a cooperativa.

No total, hoje, cerca de 20 pesquisadores da Ufal estão envolvidos em projetos de desenvolvimento tecnológico em parceria com a Cooperativa de Pindorama. “A universidade já tinha um trabalho de extensão na cooperativa, mas com o *Programa de Interação*



**Piscicultura: renda e postos de trabalho para a comunidade**

*Universidade-Indústria* do IEL e do Sebrae essa cooperação ganhou novo impulso, com mais projetos e mais pesquisadores envolvidos a cada dia”, avalia o pró-reitor de extensão da Ufal. “Pindorama é um grande laboratório para nós, um exemplo de cooperativismo com bons resultados que deve servir de modelo para produtores de outras regiões”, conclui.

### **LINHAS DE AÇÃO**

Além da implementação do DTR na cooperativa, o convênio do IEL, Sebrae e Fiea tem outras linhas de ação no Estado de Alagoas. Para estimular o empreendedorismo, por meio da criação de disciplinas específicas nos cursos superiores, foram ministrados cursos sobre a metodologia de ensino dessa disciplina para mais de 40 professores. Para capacitar empre-

sários, foram oferecidos cursos de especialização (em comércio exterior e gestão empreendedora) e de extensão de gestão tecnológica de empresas de alimentos.

Na área de inovação, foi promovido um estudo da eficiência econômica e da competitividade do sistema agroindustrial da cana-de-açúcar, além da prospecção das possibilidades de parceria com o Instituto Cubano de Pesquisa dos Derivados da Cana-de-Açúcar (Icidca), iniciativa que acabou sendo de âmbito nacional (ver box na página 10).

O programa também procurou aumentar a inserção internacional das empresas alagoanas, identi-



**Linha de produtos da Pindorama**



**Cristine: seminários para gestores**

ficando 20 indústrias com potencial para estabelecer parcerias internacionais estáveis (intercâmbio tecnológico, *joint ventures*, importação e exportação, etc.). “Agora estamos finalizando o *book* de cada empresa e organizando um seminário com o Eurocentro do IEL para buscar parceiros externos para essas empresas”, explica Hélvio Villasboas, superintendente do IEL Alagoas.

## Um mercado em expansão

O que podem ter em comum plástico biodegradável produzido por bactérias, ácido que acelera o enraizamento das plantas, inseticida biológico contra pulgões, anti-diarréico para porcos e frangos, conservante para cereais em silos, tensoativos usados na indústria química, fármaco contra deficiência de cálcio, adoçante, polímero para solda metálica e fixador de nitrogênio no solo? Todos têm como matéria-prima básica a cana-de-açúcar. Esses e dezenas de outros produtos derivados da cana, seus processos de produção industrial e aplicações, assim como mercados atuais e potenciais, constam de um estudo sobre a eficiência econômica e competitiva atual do sistema agroindustrial canavieiro no Brasil e suas possibilidades de diversificação produtiva. Patrocinado pelo IEL e pelo Sebrae, o trabalho, coordenado por uma equipe de pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), está sendo publicado neste mês sob o título *O Novo Ciclo da Cana*.

Essencialmente, o estudo conclui que o setor está vivendo um momento privilegiado com a alta dos preços internacionais do açúcar e com um grande aumento da demanda por álcool, impulsionada, de um lado, pelo sucesso dos carros *flex fuel* no Brasil e, de outro, pelo fato de alguns países terem adotado, a partir de 2002, a mistura de álcool à gasolina como forma de reduzir emissões de carbono.

O trabalho enfatiza, entretanto, que o Brasil deveria apostar na diversificação do setor, investindo em novos produtos derivados da cana. “Com este estudo, IEL e Sebrae querem estimular que o Brasil deixe de ser um mero exportador de *commodities*, de baixo valor e forte oscilação de preços, e passe a exportar produtos de maior valor agregado”, resume o economista Francisco Alvez, da Ufscar, coordenador de competitividade do estudo.

A publicação apresenta ao todo 98 novos produtos feitos a partir da cana-de-açúcar, sendo 10 desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), 64 pelo Instituto Cubano de Pesquisa dos Derivados da Cana-de-Açúcar (Icicda) e os demais por instituições brasileiras, sobretudo a própria Ufscar. Alguns são fabricados em escala piloto pelo IPT, como o plástico biodegradável, usado como filme para recobrir alimento, e o sorbitol, utilizado pela indústria farmacêutica e de alimentos. Outros já são amplamente usados em Cuba, como os ácidos indolacético e jasmônico, que aceleram o crescimento das raízes, alguns bioinseticidas e o anti-diarréico de uso veterinário.

O trabalho também busca identificar os fatores que afetam a competitividade do setor canavieiro no Brasil, discutir soluções para os problemas ambientais mais corriqueiros do setor e identificar e avaliar as tecnologias consideradas mais aptas, sobretudo para empreendimentos de pequeno porte.

A publicação traz, além do livro impresso com um resumo do estudo em cerca de 200 páginas, um CD-ROM com o trabalho completo e um simulador para potenciais investidores. Com o simulador, basta introduzir o nome do produto no qual há interesse, para que o computador apresente o que a fábrica precisa, qual o investimento mínimo, os equipamentos e mão-de-obra necessários, qual a taxa interna de retorno esperado, em que etapa de seu ciclo de vida encontra-se o produto, etc. “É quase um esboço de plano de negócios, pensado para atrair investidores de qualquer área”, explica Alvez.



**Fábrica de açúcar da Pindorama: uma das mais modernas do País**



# De olho no mercado global

Para o superintendente nacional do IEL, Carlos Cavalcante, há necessidade de criar uma cultura de internacionalização das nossas empresas

FOTO: JOSÉ PAULO LACERDA



No início de agosto, a abertura do fórum, em Brasília

O empresário brasileiro precisa buscar o aperfeiçoamento e ter uma compreensão maior do mercado internacional. Essa foi a conclusão do Fórum Desenvolvimento Empresarial para o Século XXI, que ocorreu em Brasília no início de agosto. Na avaliação do reitor do European Institute of Business Administration (Insead), Gabriel Hawawini, um dos palestrantes do encontro, não basta atualmente que uma empresa siga à risca o verbete “pense globalmente, aja localmente” (*think globally, act locally*), mas sim o de pensar e agir de forma global (*think globally, act globally*). Essa pode ser, inclusive, uma solução

para aumentar a competitividade das empresas brasileiras.

Para o presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, a maior inserção do Brasil no comércio internacional é também uma estratégia para alavancar o potencial de crescimento do País e indispensável para a estabilidade dos fundamentos macroeconômicos e para o bom desempenho das empresas. “O Brasil precisa desenvolver uma cultura exportadora, mediante uma política que identifique o mercado externo como um objetivo permanente e que capacite as empresas para a atividade exportadora”, disse Monteiro Neto.

Nesse sentido, ele destacou durante a abertura do fórum que a parceria do IEL com o Insead – instituição mundialmente reconhecida pelo trabalho inovador na preparação de executivos – mostra a importância que as duas entidades dão à capacitação empresarial como fator decisivo para a inserção do País na economia mundial.

A opinião é compartilhada pelo superintendente do IEL, Carlos Cavalcante. Segundo ele, há necessidade de criar uma cultura de internacionalização das nossas empresas, que não podem ficar presas apenas ao mercado interno. “Os empresários



agora precisam entender o que os mercados querem para desenvolver produtos ou adequá-los às necessidades dos clientes”, disse.

O foco da parceria do IEL com o Insead é alertar os empresários brasileiros e trazer uma visão diferente sobre a percepção do ambiente de negócios. Durante o evento em Brasília, apontaram-se dificuldades para o Brasil se inserir no mercado internacional, como a falta de marcas próprias e de grandes empresas competindo em escala global. Mas também foram apresentadas situações de oportunidade, como o mercado chinês, que, ao crescer, aumenta sua demanda, dando lugar a produtos brasileiros.

Todos os temas abordados no fórum apresentaram diferentes cenários para o Brasil superar os atuais desafios na construção de um futuro de sucesso. Na opinião do presidente da CNI, isso se alinha com o Mapa Estratégico da Indústria 2007-2015, apresentado pela entidade à sociedade brasileira.

“O mapa é um exercício prospectivo em que se definem objetivos, metas e programas capazes de consolidar o Brasil como uma economia competitiva e inovadora, inserida na sociedade do conhecimento, na economia global e base de uma das principais plataformas da indústria mundial”, afirmou.

## MAIS AMBIÇÃO

Em estudos recentes, o Insead identificou que os empreendedores brasileiros necessitam de mais ambição para se inserir no mercado externo. Durante o fórum em Brasília, a professora especialista em negócios internacionais, com foco em América Latina, e consul-



**Hawawini: pense e aja globalmente**

tora no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Lourdes Casanova (leia entrevista na página 13), fez um alerta aos empresários sobre a necessidade de trabalhar melhor suas marcas e dirigir mais investimentos para mercados em potencial, como o da biotecnologia e o setor de serviços. “Para encarar a competitividade mundial, é preciso ter mais ambição”, disse ela.

A opinião também é comparti-

lhada pelo pró-reitor de Educação Executiva do Insead, Soumitra Dutta. Segundo ele, há um nível de ambição coletiva na China, por exemplo, que não existe no Brasil. “E isso faz diferença. Basicamente, os brasileiros precisam ser mais ambiciosos”, disse. “As metas são da população, e não individuais”, concluiu.

Outro fator levantado durante o fórum, que dificulta a competitividade brasileira no cenário global diz respeito a questões ligadas à eficiência governamental. “Há muitas críticas em relação ao Brasil devido ao ambiente regulatório e ao complicado sistema tributário. Tudo isso coloca o País no coração do alto risco de investimentos na América Latina”, disse a professora Lourdes Casanova durante o encontro. Na avaliação dos palestrantes, esses problemas mostram a necessidade de mais parcerias entre os setores público e privado em diversos segmentos, principalmente na área da infra-estrutura.

## UNIVERSIDADE-EMPRESA

A parceria empresa e universidade também pode ajudar na competitividade e desenvolvimento do País. Segundo o professor Soumitra Dutta,



a relação se dá principalmente no desenvolvimento de tecnologias. “As universidades são boas fontes para revelar talentos e a interação com empresas é essencial para o desenvolvimento de tecnologia”, disse.

A professora Lourdes Casanova lembrou, durante a sua

palestra, que o Brasil tem um bom exemplo dessa parceria que precisa ser replicado, o porto digital de Recife. O superintendente do IEL destacou que o Brasil está numa faixa intermediária em relação à interação entre empresas

e universidades e centros de pesquisa. “Não é uma posição ruim. Estamos em 26º lugar num *ranking* elaborado pelo Insead de 100 países. Mas existe muito a ser desenvolvido”, afirmou.

## Empreendedorismo de nível mundial

Especialista em negócios internacionais, com foco na América Latina, a professora espanhola Lourdes Casanova leciona no Insead desde 1989 e desde então investiga a fundo as dificuldades do mercado latino-americano. Em sua apresentação no Fórum Desenvolvimento Empresarial para o Século XXI, ela mostrou que, em todos os *rankings* mundiais de competitividade, o Brasil apresenta um dos piores cenários e isso prejudica a atração de investidores. Em entrevista ao **Interação**, a professora fala, entre outras questões, como o País pode melhorar sua imagem no cenário global. “Os brasileiros têm de mostrar que são muito mais do que futebol, samba e café”, disse.

### Como o Brasil pode melhorar sua competitividade no cenário global?

A economia brasileira vai muito bem neste momento: crescendo e colecionando recordes de exportações. Mas essas boas notícias precisam ser contrastadas com a percepção que o mercado externo tem do País, que ainda não é boa. A América Latina é considerada a área de maior risco para investimentos e o Brasil também. Os brasileiros precisam melhorar sua imagem lá fora e adotar uma campanha que mostre que o País vai além do futebol, samba e café. Na minha opinião, o Brasil é considerado pelo mercado externo menos atrativo do que ele realmente é e deveria ser.

### A China e o Chile são bons exemplos para o Brasil? Por quê?

O Brasil tem muito que aprender com a China e o Chile. Os chineses conseguiram avançar seus negócios com políticas macro e microeconômicas. Para se ter uma idéia, empresas estrangeiras só podem investir no país por meio de uma *joint venture*. Há também um esforço tanto do setor público como do privado para o avanço da economia. Não podemos também subestimar a ambição coletiva que eles têm. Os chineses querem estar no topo das economias



Lourdes, com o ministro Furlan: o Brasil é mais que futebol, samba e café

mundiais. Isso falta ao Brasil. O Chile também é um bom exemplo, porque conseguiu reduzir os níveis de pobreza da população, o que fez crescer o mercado interno.

### Então, o Brasil precisa ser mais ambicioso para sobreviver no mercado global?

Precisa sim. O Brasil tem uma longa tradição em áreas como o sistema bancário, um dos mais modernos do mundo, e no setor de aviação. Tem engenheiros excelentes e pode aproveitar para exportar esse *know-how*. E por que não aproveitá-lo para expandir o setor de serviços, de engenharia civil, tecnologia de informação e biotecnologia? Acredito que o Brasil tem de investir nessas áreas para sobreviver no mercado global.

### Na sua opinião, os brasileiros são bons empreendedores?

Há um forte e ativo espírito empreendedor no Brasil. Os empreendedores brasileiros são persistentes e têm muito jogo de cintura. Como o setor industrial pode ser bem-sucedido com impostos tão altos e tanta burocracia? Como eles conseguem seguir em frente sem créditos de financiamento? Para mim, os brasileiros são empreendedores de nível mundial.

## Reforma universitária

FOTO: MIGUEL ÂNGELO



Regionalização, financiamento, autonomia, gestão e avaliação das universidades foram temas debatidos no Fórum de Avaliação do Anteprojeto de Lei da Reforma da Educação Superior, realizado no mês passado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com o jornal *Correio Braziliense*. Segundo o presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, a terceira versão do anteprojeto apresentada pelo Ministério da Educação traz avanços, muitos deles propostos pela CNI e que refletem as idéias e a visão do setor produtivo sobre educação. “Mas há questões fundamentais sugeridas pelo setor produtivo que ainda não foram contempladas, como a relativa ao financiamento da universidade pública, que requer a definição de critérios para repasse de recursos financeiros às instituições”, disse Monteiro Neto. O evento reuniu

75 pessoas, entre elas o ministro da Educação Fernando Haddad (foto), parlamentares, empresários, dirigentes universitários e jornalistas. O IEL coordena o grupo de trabalho de representantes da indústria que discute o assunto.

## Melhores práticas de estágio

As empresas privadas vencedoras da segunda edição do Prêmio Melhores Práticas de Estágio do IEL-BA foram o Sebrae da Bahia (grande empresa), Citéluz Serviços de Iluminação Urbana (médica) e 3i Informática (pequena). A Petrobras foi a vencedora na categoria organização pública. O prêmio, criado pelo IEL-BA, e o Fórum de Estágio da Bahia têm o objetivo de incentivar e divulgar boas experiências de recrutamento e seleção de estagiários no mercado baiano. Neste ano, 76 empresas se inscreveram.

## Capacitação em comércio exterior

Estudantes de instituições de ensino superior de Pernambuco participaram de programa de capacitação em comércio exterior e desenvolvimento de projetos de promoção internacional, realizado de 16 a 18 de agosto. Os 25 participantes serão cadastrados em um banco de dados à disposição de empresas envolvidas em projetos de exportação. Além do IEL e Sebrae, são parceiros da iniciativa o SENAI, o Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fiepe e a Agência de Promoção de Exportações (Apex).

## Escritório em Ponta Grossa

Em agosto, o IEL-PR inaugurou oficialmente o escritório regional na cidade de Ponta Grossa. O escritório está em funcionamento desde o mês de março nas dependências do SESI. No total, já estão cadastrados 1,3 mil alunos dos níveis técnico, pós-médio e superior. O escritório atende a 70 municípios da região de Ponta Grossa e de Campos Gerais.

## Vencedor do Bitec

O vencedor da última edição do Bolsas de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas (Bitec) no Ceará, Levy Carvalho (foto), apresentou seu projeto no Congresso de Engenharia de Processos do Mercosul (Empromer), realizado, de 14 a 18 de agosto, em Rio das Pedras (RJ). O evento reuniu pesquisadores e profissionais envolvidos com o desenvolvimento e aplicação de metodologias baseadas no computador para planejamento, projeto, operação, otimização e controle de processos químicos. Carvalho fez uma exposição sobre o produto que desenvolveu a partir da rotina, substância usada em doenças vasculares como varizes e trombose, e extraída da planta barbatimão.



FOTO: DIVULGAÇÃO



# Prêmio à criatividade e à inovação

Em sua terceira edição, a Medalha do Conhecimento homenageia empresários, gestores e pesquisadores

Criador da Politec, a maior fábrica de *software* do País, o empresário Hélio Santos Oliveira vibrou quando recebeu (foto), no dia 30 de agosto, das mãos do presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, a Medalha do Conhecimento 2005, prêmio a que fez jus por seu destaque no mercado mundial de tecnologia da informação. “É uma grande honra receber esse prêmio, mas tenho consciência de que ele se estende a todos os funcionários”, afirmou o industrial. Sua empresa, criada há 25 anos, é hoje fornecedora de centenas de companhias e instituições, entre elas o Departamento de Estado norte-americano e o FBI.

Junto com Oliveira, outros nove empresários, gestores e pesquisadores foram homenageados por sua criatividade e inovação. Foi a terceira edição do prêmio, iniciativa do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), em parceria com a CNI e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Neste ano houve 256 indicações, feitas por instituições sindicais, profissionais, de pesquisa e universitárias, além de agências de desenvolvimento sediadas no Brasil, e as premiações foram em três categorias: empresários;



FOTO: JOSÉ PAULO LACERDA

gestores da área de ciência e tecnologia e executivos.

A solenidade, que reuniu cerca de 250 empresários na sede da CNI, em Brasília, teve a presença do vice-presidente da República, José Alencar, dos ministros do MDIC, Luiz Fernando Furlan, e da Ciência e Tecnologia, Sérgio Resende, e do presidente do Sebrae, Paulo Okamoto.

## OS PREMIADOS

A Medalha do Conhecimento foi concedida, pela primeira vez, em 2000, em comemoração ao cinquentenário de criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em 2003, o concurso foi reeditado em homenagem aos 65 anos de fundação da CNI.

A comissão julgadora selecionou personalidades. Além de Hélio Oliveira foram premiados Boris Botler, diretor da Endoview, da área de tecnologia médica; Fernando Reinach, diretor da Votorantim Ventures; Lynaldo de Albuquerque, diretor da Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa e Tecnologia (ABIPIT); Magrid Teske, presidente da Herbarium, laboratório fitoterápico; Maurício Botelho, presidente da Embraer; Miguel Krigsner, presidente de O Boticário; Paulo Cunha, presidente do Grupo Ultra; Raul Randon, presidente da Randon, veículos e equipamentos especiais; e Wladimir Longo, da Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica.

# A responsabilidade social empresarial no SESI

FOTO: MIGUEL ÂNGELO



Historicamente, o SESI representa a consciência do segmento industrial do País para responsabilidades que vão além daquela de contribuir para o desenvolvimento econômico. Ao criar o SESI com o objetivo de promover o bem-estar dos trabalhadores da indústria e de seus dependentes, o empresariado nacional teve a visão de que a sobrevivência dos negócios está diretamente relacionada ao equilíbrio entre as questões social e ambiental, além da econômica.

Gradativamente, novos valores foram introduzidos na gestão empresarial e o conceito de desenvolvimento econômico foi suplantado pelo de desenvolvimento sustentável – no qual a satisfação das necessidades atuais da sociedade acontece sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras<sup>1</sup>.

Hoje, a empresa reconhece que, para assegurar sua perenidade no mercado, deve construir sua reputação assumindo responsabilidades,

que se expressam no termo responsabilidade social empresarial, definida como a forma de gestão que conduz à relação ética e transparente da organização com todas as suas partes interessadas, visando ao desenvolvimento sustentável<sup>2</sup>.

Em 2000, na elaboração do Plano Estratégico, a responsabilidade social empresarial inseriu-se na missão da instituição. Além das ações voltadas para a promoção do bem-estar dos trabalhadores e dependentes, o SESI concebe e explicita que seus três vetores de negócio, Educação, Saúde e Lazer, prestados de forma integrada, com o foco na empresa, culminam no exercício da responsabilidade social empresarial pelas indústrias.

Para ampliar essa atuação social, o SESI desenvolve programas em comunidades, cujo propósito é a inclusão social, que vêm obtendo resultados significativos e grande impacto na vida do cidadão.

Além disso, em nova vertente, o SESI se prepara para estimular as empresas para uma gestão socialmente responsável na forma de serviços de Consultoria em Responsabilidade Social. Por meio dessa gama de serviços o SESI assume o papel de provedor de soluções para as necessidades sociais das indústrias, de forma que a empresa persiga seu objetivo primeiro e maior – o lucro, por meio de uma gestão socialmente responsável.

**Alex Mansur**

Assessor da Superintendência do SESI Nacional

**Brasiltec** – A política industrial, tecnológica e de comércio exterior, a questão da propriedade industrial e intelectual, investimentos e regime fiscal favorável à inovação, incubadoras e parques tecnológicos e tecnologias sociais serão alguns dos temas abordados no 4º Salão Internacional de Inovação Tecnológica – Brasiltec 2005. O evento será promovido, de 5 a 8 de outubro, em São Paulo. Informações: (11) 3253-2133

**Tecnologias Limpas** – Empresas e instituições brasileiras do setor de tecnologia limpa podem participar de missão ao Salão Pollutec 2005, organizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) e Instituto Euvaldo Lodi (IEL). O evento, que será realizado em Paris, de 29 de novembro a 2 de dezembro, é o maior na área de tecnologias limpas da França. Informações: (61) 3317-9409

**Estrada Real** – Empresas do setor de equipamentos, vestuário e calçados para esportes radicais, bem como prestadoras de serviços na área de turismo, podem participar do Encontro Setorial AL-Invest durante a 1ª Feira Estrada Real e de Ecoturismo de Aventura, de 22 a 27 de novembro, em Belo Horizonte. As rodadas de negócios serão nos dias 23 e 24 de novembro e, na ocasião, empresas latino-americanas e européias poderão realizar acordos comerciais, parcerias estratégicas, *joint ventures*, cooperação técnica e tecnológica, dentre outros. O evento é organizado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), com o apoio do IEL e outras entidades. Informações: (61) 3317-9077

<sup>1</sup> Comissão Brundtland, Nações Unidas, 1987. In Mapa Estratégico da Indústria 2007-2015, pág. 73

<sup>2</sup> Norma Brasileira de Responsabilidade Social – NBR 16001